Breves notas sobre a amizade: em memória de Pelayo Pérez García

Luís António Umbelino. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras.

Unidade I & D-CECH (Portugal)

Recibido 22/07/2025 • Aceptado 30/08/2025

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5242-4863>>

Resumo

Para recordar Pelayo Pérez García, escolhemos reunir algumas modestas reflexões sobre a amizade. Partiremos, para tal, de um texto publicado pelo amigo que aqui homenageamos na *Revista Filosófica de Coimbra*, aquando da inesquecível visita a Coimbra de Marc Richir. Pois de que outro modo se pode recordar um pensador senão dialogando com as palavras que nos deixou?

Palabras clave: Pelayo Pérez García, homenagem, amizade.

Abstract

Brief notes on friendship. in memory of Pelayo Pérez García

To remember Pelayo Pérez García, we have chosen to bring together some modest reflections on friendship. To do so, we will start with a text published by the friend we are honouring here in the *Revista Filosófica de Coimbra*, in the context of Marc Richir's unforgettable visit to Coimbra. For how else can we remember a friend and a thinker if not by engaging in dialogue with the words he left us?

Key words: Pelayo Pérez García, Tribute, Friendship.

Breves notas sobre a amizade: em memória de Pelayo Pérez García

Luís António Umbelino. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras.

Unidade I & D–CECH (Portugal)¹

Recibido 22/07/2025 • Aceptado 30/08/2025

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5242-4863>>

Saudades só portugueses
Conseguem senti-las bem
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.
Fernando Pessoa
(1973: 11)

§ 1. Palavras escritas

Num texto de grande interesse publicado na *Revista Filosófica de Coimbra* em 2021, Pelayo Pérez García, o nosso querido e inesquecível Pelayo, endossava estas belas palavras aos seus mestres de pensamento, Marc Richir e Ricardo Sanchez Ortiz de Urbina:

En realidad, no podemos ser amigos si no es de aquellos en los que nos reconocemos, aquellos que por eso nos hacen mejores: la amistad es, ella sí, «la narrativa del ipse», como la mismidad del relato en todas sus variantes, sus rostros diversos, sus anécdotas, incluso sus variaciones y contingencias. Justamente, porque no somos idénticos podemos amarnos como iguales. La amistad es el sueño por excelencia: el sueño del otro que soy. [Pérez García, 2021: 378]

Estas são palavras que também nós, cada um de nós, poderia seguramente fazer suas para, como uma onda de saudade e memória, recordar o amigo cuja presença em ausência nos convoca nesta ocasião.

Pelayo foi o amigo que a todos nos fez melhores, que a todos marcou a *narrativa do ipse* na contraluz do ritmo dramático das nossas existências inquietas, que a todos nos ensinou a *sonhar* a melhor versão de nós próprios. Por isso a sua *presença*, mesmo na

¹ This paper is financed with National Funds through the Portuguese FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., within the project UIDB/00196/2025 and UIDP/00196/2025.

ausência, perdura e fortalece-se. Porque a *presença* do que *faz falta* é aquela que com maior facilidade vence as insidiosas estratégias de dispersão do esquecimento.

Nesta medida, não será com colorações fúnebres que nestas páginas se homenageará o amigo, o pensador curioso, o congregador de esforços filosóficos, o Diretor de *Eikasía*, o alentador da «escola de Oviedo». Ao invés, serão *tonalidades vivas* e abertas sobre um horizonte de futuro aquelas que cruzarão estas linhas de celebração e memória.

§ 2. Sobre a amizade

Se as palavras de Pelayo que citámos de entrada são palavras de amizade e reconhecimento para com os seus mestres de pensamento, são igualmente palavras de quem soube reconhecer no ato de pensar a generosidade de uma partilha autêntica, a completude de um encontro transformador, a força de uma ideia regeneradora, o poder iluminador de uma descrição certa. O exemplo de Pelayo toca-nos e fala-nos. Acercou-se do filosofar com curiosidade e sabedoria, soube percorrer a difícil filigrana da descrição fenomenológica (que ora demanda um *nada mais do que o fenómeno* —ressoando afetivamente no mais imemorial do campo do aparecer—, ora se desdobra pelos níveis mais imbricados da *ordem oculta do mundo*) e, no final de tudo, soube ainda cultivar essa intensa atmosfera de amizade que a filosofia traz no seu nome e os verdadeiros pensadores sabem compartilhar.

Falemos, pois, de amizade no coração da memória. Para tal, regressemos ao fragmento do texto de Pelayo com o qual abrimos este texto. Aí importa sublinhar dois ensinamentos relevantes sobre a amizade. O primeiro, poderia ser assim formulado: o mais profundo da amizade encontra-se na respetiva dimensão onírica. Eis agora um segundo ensinamento: a amizade é um dos tecidos da «narrativa do *ipse*». Dialoguemos um pouco com estas ideias, pois se para Heidegger pensar era agradecer, para nós, nesta ocasião, pensar é também recordar.

De facto, a amizade é um *onirismo*. Ou seja, há um *imaginário da amizade* no mesmo sentido, creio, em que Bachelard se referia, no quadro da sua topofilia fenomenológica, ao *imaginário da casa*. Querendo descrever os valores de intimidade do espaço interior, Bachelard argumenta que a imaginação aumenta o valor da realidade, desvenda-a nos

seus estratos não-objetivos, oníricos (Bachelard, 2008: 25), ressonantes (como sugeria E. Minkowski, cuja influência sobre o trabalho de Merleau-Ponty não pode ser ignorada). Um tal imaginário, tecido com imagens poéticas (que desdobram a temporalidade do tempo e descerram a espacialidade do espaço), não é um engano, não é o contrário da realidade, não é uma réplica; antes será o seu fundo mais fidedigno. O imaginário poético da casa é a casa mesma, a sua possibilidade vivida que se descobre como um *interior* que se inscreve no corpo à maneira de hábito antigo. O mesmo se deveria dizer da amizade: que o seu fundo mesmo de realidade é um *onirismo*, um imaginário, um devaneio de *interior*; a textura vivida da amizade aparece na *poética* do encontro. E o encontro é a sua arquitetura vivida.

Será impossível, neste sentido, perceber a amizade como algo de objetivo. E será um equívoco tentar reduzi-la a cálculos mercantis. A amizade tem algo de atmosférico. Do mesmo modo que para Bachelard apenas se pode sonhar descansado na casa-concha, assim também apenas se pode *sonhar o descanso da amizade* nos lugares oníricos da partilha autêntica, nos quais a dádiva do reconhecimento mútuo se fortalece nas melhores possibilidades de cada um.

Na arquitetura vivida do onirismo da amizade, o outro não é um estranho; o outro fala de mim, já começou a contar a minha história e ajudar-me-á a compreender-me melhor (ou a começar a compreender-me). Assim, não é um detalhe que Pelayo se refira —é este o segundo ensinamento que atrás anotámos— à amizade como «narrativa do *ipse*». Trata-se de uma alusão curiosa, por ser hermenêutica no seu fundo e avançada por um leitor de fenomenologia. Ao lê-la, pensei imediatamente num texto que Marc Richir dedicou, surpreendentemente, a uma apresentação (Richir, 1991) detalhada da obra *Soi-même comme una autre* de Paul Ricoeur. A dado momento desse trabalho de recensão, Richir afirma o seguinte:

Não há qualquer dúvida de que a questão da ipseidade permanece uma das questões mais radicais porque, para lá dos entorpecimentos filosóficos, ideológicos ou meditativos, ela permanece a questão da nossa condição, da vida e da morte, do *sentido* que têm ou não têm. [Richir, 1991: 62. A tradução é nossa]

Richir reconhece as subtilezas da análise ricoeuriana. Desde logo, identifica claramente a estrutura tripartida de fundo desta obra importante: Ricoeur pretende

marcar «o primado da mediação reflexiva de si» sobre a posição imediata do sujeito (a *via longa* contra a *via curta*); depois, é seu intento dissociar os dois significados fundamentais da identidade, o *idem* e o *ipse*, que lhe permitirão falar de «identidade-*idem*» e «identidade-*ipse*»; finalmente, propõe-se ainda elucidar a complementaridade dialética que se estabelece entre ipseidade e mesmidade e entre o *si mesmo* e o *outro* (*ibidem*: 41-42). Richir também não ignora as múltiplas dimensões e planos de análise —a «pequena ética» que reabilita a *phronèsis* aristotélica, o plano político da equidade, etc.— através dos quais a obra de Ricoeur se desdobra. Mas não resiste a posicionar-se, muito discretamente, em face da obra, ao sugerir que o problema fundamental da intersubjetividade (e do outro enquanto outro), como o enigma *concreto* da ipseidade reclamam que se recupere a questão do *sublime*, sem esquecer Kant, passando pelo «tocar interior» (de si a si) de Maine de Biran e acolhendo o problema da «transcendência absoluta em fuga».

Em todo o caso, a questão da ipseidade é entendida como *radical*, o que significa que algo de *fundador* e *fundamental* se desvendará na *identidade-ipse*. Para Ricoeur tal é o plano onde a verdadeira identidade pessoal se completa. A *ipseidade* é uma construção que não se termina: nela *vivemos até morrer*, constantemente tentando narrar a trama do ritmo dramático do existir. Porque estar vivo é também essa construção da nossa própria narrativa, da nossa própria *intriga*, onde o aparentemente disperso pode ganhar coerência. Ser *si-mesmo* é ser, de certa forma, uma história significativa e articulada que se conta e *refigura* constantemente. A questão aqui é como podemos aprender a contar essa história da forma mais autêntica possível. Uma resposta poderia ser esta: aprendendo com tudo aquilo que o *outro* «sabe» de nós, descentrando-nos de histórias *outras*.

Esse «outro» é uma variedade de instâncias: pode ser uma instituição, um símbolo, um livro, uma obra de arte, uma filosofia; e pode ser, é evidente, outra pessoa - o amigo que *conta para nós* e nos oferece a nossa própria narrativa como *outra*. Aí, nesse lugar de amizade, estava Pelayo.

Bibliografía

Bachelard, Gaston (2008), *A Poética do Espaço* (António de Pádua Danesi, trad.). São Paulo, Martins Fontes.

Pérez García, Pelayo (2021), «Fenomenología renovada: Marc y Ricardo en Coímbra», en *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 30, n.º 60, pp. 371-380, <https://doi.org/10.14195/0872-0851_60_9>, [30/06/2025].

Pessoa, Fernando (1973), *Quadras ao Gosto Popular*, 6.ª ed. Lisboa, Ática.

Richir, Marc (1991), « Paul Ricœur : soi-même comme un autre », in *Annuaire philosophique 1989-1990*, pp. 41-63.